

ELES ME QUEREM POR UM MOTIVO

David Dravecky

Desde que comecei a brincar de apanhar as bolas de beisebol que papai arremessava, esse esporte tornou-se minha vida. Era o que eu assistia na TV quando estava em casa e o que eu jogava quando estava fora de casa. Era sobre o que eu lia quando me deitava na sala ou quando pegava o jornal de domingo.

Minha vida era completamente dominada pelo beisebol e, ao jogar, dependia totalmente de meu braço. Não demorou muito para que ele chamasse a atenção da vizinhança. Quando escolhiam os times, todos me queriam.

Eles me queriam por um motivo: meu braço.

Quando me tornei adolescente, passei a chamar a atenção de toda a escola. Foi quando fiz meu primeiro arremesso e o batedor não conseguiu rebater. Meu nome começou a aparecer nas páginas de esportes e, logo, nas manchetes.

Tudo por causa de meu braço. O meu braço atraiu a atenção dos olheiros das ligas profissionais, e o que, para mim, era uma brincadeira de infância, tornou-se um meio de vida.

Minha capacidade de sustentar a família não se baseava em meu bom caráter, em minha inteligência, nem em muitas horas gastas no trabalho, mas unicamente naquilo que meu braço faria no jogo. Quanto mais pontos meu braço fizesse, mais eu valeria. Quanto mais jogos meu braço vencesse, mais as pessoas iriam me querer em seu time.

Quando conversavam comigo, ele era o centro da conversa.

- Como está seu braço hoje, Dave?
- Seu braço está pronto para hoje à noite?
- Melhor colocar um pouco de gelo no braço para evitar o inchaço.

Os meus braços eram, para mim, o que as mãos são para um pianista, as pernas para uma bailarina e os pés para um corredor.

Era por causa deles que as pessoas me aclamavam e pagavam para me ver atuando. Isso era o que me tornava valioso, pelo menos aos olhos do mundo.

Então, de repente, meu-braço se foi.

Quanto de mim se foi com ele? Quanto daquilo que as pessoas pensavam se foi com ele?

Fiquei apreensivo e questionei como meu filho reagiria ao me ver. Ele ficaria com medo? Ele ficaria triste por mim? Ele manteria distância? E minha filha? Ficaria envergonhada quando saíssemos para jantar? Como se sentiria quando as pessoas olhassem para mim? Como minha esposa se sentiria? O que ela pensaria de um homem que não consegue amarrar os próprios sapatos?

Continuaria me achando atraente ou sentiria repulsa ao ver meu corpo mutilado?

Ao voltar do hospital, percebi que tudo o que Jonathan queria era brincar de luta e jogar bola no quintal. Tudo o que Tiffany queria era me abraçar. Tudo o que Jan queria era ter o marido de volta.

Eles não se importaram se eu tinha um braço ou não.

Embora ele tivesse sido importante para a minha infância e constituísse por um tempo meu meio de vida, meu braço não significava nada para as pessoas mais importantes de minha vida.

Para eles, o mais importante era que eu estivesse vivo e em casa.